



Juliano Franz

Bolsonaro e sua direita negativa

Manifestação é uma coisa, o 8 de janeiro foi outra

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história da região militar, entre eles "A Diáspora Encurralada"

Jair Bolsonaro assumiu a Presidência em janeiro de 2019. Dois meses depois, atacou a neutralidade das urnas eletrônicas. Em maio, compartilhou uma mensagem que dizia: "A hipótese nuclear é uma ruptura institucional irreversível, com desfecho imprevisível". Essa ruptura não podia vir do nada. Ao fim de um, diante das manifestações ocorridas no Chile, Bolsonaro sacou o que viria a ser seu bordão: "A gente se prepara para usar o artigo 142 da Constituição Federal, que é a lei da ordem, caso eles [integrantes das Forças Armadas] venham a ser convocados por um dos três Poderes". Bolsonaro operou uma manobra de pinça. Numa ponta, brindou a apocalipse. Noutra, investiu contra o Supremo Tribunal Federal e o Congresso. No dia 8 de janeiro a pinça fechou-se. Felizmente, estava tortu.

Fora do poder e claramente ineficaz, Bolsonaro convocou

uma manifestação para o próximo domingo em São Paulo. Desde a sua saída do Planalto, o Brasil continua com seus problemas, mas livrou-se de um presidente apocalíptico. Como cidadão, ele deve avaliar o comportamento de seus aliados. Mensagens coletadas pelo repórter Levy Teles mostram que os mais espertos do 8 de janeiro continuam lá. O Laboratório de Humanidade Digital (LABHD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) captou alguns exemplos: "O presidente Bolsonaro está dando um recado: estamos a dois dias do maior evento de democracia e resgate aos movimentos patrióticos como os 72 dias nos quartéis. Eu estava lá e vocês?". Ou ainda: "O Brasil vai se levantar. Os motoclubes estão se levantando, o povo está se levantando, os simpatizantes vão se levantar".

Bolsonaro jurou que nunca pretendia sair das quatro linhas da Constituição e que na-

da teve a ver com as invasões do dia 8 de janeiro. Acreditação de nêgo, a manifestação do próximo domingo será um teste para que ele se qualifique. Poderá reaparecer como um líder político, ainda que inelegível, ou como um iniciador de desordens, um enamorado pelo apocalipse.

Há 40 anos, nesses dias, o professor San Tiago Dantas dizia que o Brasil tinha duas

esquerdas, a positiva e a negativa. Não lhe deixam ouvidos. Passado o tempo, o Brasil tem hoje duas direitas. A direita negativa, na qual Bolsonaro sentou praça, perdeu na eleição de outubro e na ilusão de um golpe em dezembro de 2022.

Teatro ridículo. É ridícula a marqueteagem segundo a qual o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, estaria contrungido à manifestação

de Bolsonaro no domingo. Ele quer os votos dos bolsonaristas, nunca criticou um um só ato do ex-capitão. Em outubro passado acompanhou-o numa visita ao batalhão da Rota. Sem os seus votos, mal se eleger vereador. É preferível um gesto de sinceridade: explicita sua vontade de ser votado e, se for o caso, esclarece quais são as suas divergências.

Um título para Bragu Netto. O Exército tem vários patro-

nos. O general Osório é o patrono da Cavalaria, Mallet o patrono da Artilharia, e Sampaio, da Infantaria. Valeria a pena criar o patronato do golpismo polilicínio. Ele iria para o general Assis Brasil, que em 1964 coordenava o dispositivo militar do presidente João Goulart. O mais recente general alistado nessa Arma seria Walter Bragu Netto.

Uma coruja anão Nova York. Uma nevada, duas guerras e uma sucessão presidencial

mal parada poderiam abater o humor de Nova York. A coruja Flaco animou uma parte da cidade. Há um ano, Flaco escapou do zoológico do Central Park e tornou-se a personagem mais fotografada de Manhattan. Voa pelo parque, pousa em sacadas ou terraços e já foi visto a dezenas de quilômetros de distância.

Flaco escapou das armadilhas, dos carros e das câmeras com veneno para matar ratos. Ganhou uma boa reportagem no The New York Times e ver-

bebe na Wikipédia maior que o de Willow, o gato do presidente Joe Biden.

Em algumas culturas, ver uma coruja dá sorte, em outras, não. Em Nova York, onde se vê de tudo, encontrar uma coruja na janela é uma novidade.

Se. Se Henri Matisse tivesse embarcado para o Brasil em maio de 1942, ele teria pintado lindas mulatas no lugar das odaliscas marroquinas. Se Benito Mussolini tivesse aceitado em 1932 o convite para dirigir um

journal socialista em São Paulo, a história da Itália teria sido outra. (Ele pensou em vir, mas desistiu porque sua mulher era esquizofrênica.)

Se existissem redes sociais em março de 1964, o general Humberto Castello Branco estaria frito.

Nas primeiras horas da manhã de 31 de março, ele telefo-

nou para o banqueiro José Lutz de Magalhães Lima. Pediu-lhe que falasse com seu tio, o go-

vernador Magalhães Pinto, de Minas Gerais, para seguir a aventura do general Mourão

Filho, que se rebelara contra o governo de João Goulart.

Segurança mínima. Dois detentos fugiram da prisão de segurança máxima de

Mossoró. Saíram das celas pelo teto, que não tinha reforço de concreto. As câmeras de segurança não funcionaram, e o alarme não soou. Finalmente, não tiveram uma mulher no cu-

mim. Aberram um buraco no

alamedão e foram em frente.

O Ministério da Justiça anunciou que investiga a possível

complicidade de agentes penitenciários. Poderia investigar também a compra atabalhoada de equipamentos

caríssimos em detrimento da construção de muros. Afinal, muro rende pouco, não de-

manda contrato de assistência técnica e não é oferecido por intermediários que ope-

ram em Brasília.

O anel de Franz Lang. Numa época em que o anti-

semitismo reaparece com disfarces pretensamente civiliza-

dos, o filme "Zona de Interesse" é uma oportunidade para se

avaliar o casal Rudolf e Hedwig Höss, dois alemães am-

orosos. Ele não falava do que fazia no serviço, e ela cuidava do jardim. Vizinhos para nin-

guém botar defeito.

O jardim de Höss era vizinho do campo de concentra-

ção de Auschwitz, e ele era seu comandante. O filme sugere o

extermínio dos judeus, mas não mostra câmaras de gás

nem fornos crematórios. Em apenas 58 dias, de maio a junho de 1944, morreram 43 mil judeus.

Quem viu o filme, e gostou, conta que ao final, com o fim da guerra, Höss saiu da cena.

Não custa lembrar o que lhe sucede. Ele virou o jardineiro

Franz Lang. Um ano depois do fim da guerra, uma tropa in-

glesa soube de seu paradeiro, pediu para ver sua alian-

ça. Não estava gravada. "Rudolf" - Hedwig", Alexander salvou Höss de um linchamento e, em 1947, aos 45 anos, ele foi

enforcado em Auschwitz, perto do crematório e do jardim de Hedwig.

O médico José Mengele, seu colega de campo, teve mais sorte. Trocou de nome, veio para o Brasil, andou por Argentina e Paraguai, às vezes com a identidade verdadeira, voltou para São Paulo e só veio a morrer em 1979, na praia de Bertioga.

Big techs fazem acordo contra fake de IA nas eleições de 2024

Documento cita princípios genéricos para evitar interferência enganosa pelo mundo; no Brasil, tema é alvo no TSE

São Paulo. Um grupo com 20 grandes empresas globais de tecnologia — que inclui a OpenAI, criadora do ChatGPT, o Google, o X (ex-Twitter), o TikTok e a Meta (dona do Facebook, Instagram e WhatsApp) — anunciou na sexta (16) a assinatura de um acordo para evitar que conteúdos enganosos gerados por inteligência artificial tenham interferência em eleições pelo mundo em 2024. Segundo nota das companhias, as big techs firmaram o compromisso de "trabalhar colaborativamente em ferramentas para detectar e abordar a distribuição online de conteúdo de IA, conduzir campanhas educacionais e fornecer transparência entre outras medidas concretas". O acordo foi divulgado em uma conferência de empresas em Munique, Alemanha, e

Como reconhecer a manipulação

Há softwares, muitos gratuitos, que ajudam a detectar uso de IA. Nenhum é 100% eficiente, sendo necessário o uso de mais de um e o uso de uma ferramenta para analisar o contexto. O conteúdo é disseminado por perfis recém-criados ou com nomes que parecem ser de veículos de notícias nas redes sociais.

OUTROS INDÍCIOS

- Em áudio, as pausas entre as palavras são todas iguais ou muito inconsistentes.
- As frases soam artificiais.
- A pronúncia de algumas palavras é estranha.
- Na maioria das vezes, a IA não replica de forma eficiente a respiração da pessoa ou o som ambiente.
- Em vídeo, há discrepâncias sutis entre o movimento dos lábios e o que é dito.

- Perfis falsos em redes sociais usando fotos geradas por IA costumam ter os olhos e bocas das "pessoas" todos na mesma altura do rosto — isso pode ser visto examinando as imagens lado a lado.
- Imagens geradas por IA às vezes têm falhas em mãos, orelhas, lábios, olhos e cabelo. Também podem ter diferenças em tom ou textura da pele.
- Barba, óculos e pintas podem ter aparência estranha.
- Em vídeos, a pessoa pisca demais ou ririca pisca.
- Perfis postam centenas de vezes por dia, muitas vezes com intervalo muito curto.

Fonte: Digital Forensics Lab do Atlantic Council, Henry Ford da Universidade da Califórnia em Berkeley, e The Media Lab.

Trabalhar colaborativamente em ferramentas para detectar e abordar a distribuição online desse conteúdo de IA, conduzir campanhas educacionais e fornecer transparência

Trabalhar de nota das big techs

deste ano deverá ser abordada em reunião do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Uma minuta elaborada pela vice-presidente da corte, Cármen Lúcia, e que ainda deve passar por análise do plenário, indica que será obrigatório que os usuários informem o uso de inteligência artificial para geração de conteúdos.

As big techs, porém, insistiram, em audiência pública no TSE, que a responsabilidade pela identificação do uso de IA é dos candidatos e partidos, e não das empresas.

Elas estabeleceram regras de uso exigindo a rotulagem de anúncios políticos que

usam IA e proibindo conteúdo sintético que interfira no processo democrático ou questione a integridade do sistema eleitoral. Não há, porém, fiscalização sobre a aplicação das regras.

O ministro do TSE Flávio

de Azevedo Marques Neto afirmou em janeiro que a

falsificação de imagens e vozes de pessoas, nas chamadas deepfakes, "o fato é

que a IA foi pouco presente no pleito de 2022 e quase nada em 2022", disse.

No Brasil, as últimas eleições já foram marcadas pelo

desafio de combater as fake news, que por vezes envol-

veram a disseminação de informações descontextualizadas.

Para especialistas, embora a desinformação associada à política não seja novidade, a dificuldade de lidar com o problema pode se ampliar com o avanço da tecnologia.

Anna Makani, vice-presidente de Assuntos Globais da OpenAI, disse que a companhia está comprometida "em proteger a integridade das eleições através da implementação de políticas que previnam abusos e melhorem a transparência em torno do conteúdo gerado por IA", de acordo com a nota.

"Estamos ansiosos para colaborar com parceiros da indústria, líderes da sociedade civil e governos ao redor do mundo para ajudar a proteger as eleições do uso enganoso de IA", completou.

O executivo do TikTok Theo

Bertram afirmou que "é crucial para a indústria trabalhar em conjunto para proteger as comunidades contra a enganosa

neste ano eleitoral histórico".

"Não podemos permitir que o abuso digital ameace a oportunidade geracional da IA de

melhorar nossas economias, criar novos empregos e impulsionar o progresso na saúde e na ciência", disse o presidente de Assuntos Globais do Google, Kent Walker.

Nick Clegg, presidente de Assuntos Globais da Meta, afirmou que "este trabalho é maior do que qualquer empresa e exigirá um esforço enorme em toda a indústria, governo e sociedade civil".

De acordo com um levantamento da Freedom House, em 2023, a inteligência artificial generativa foi usada em

praticamente 50 países para criar vídeos, imagens ou áudios com o objetivo de "semear dúvidas, dividir opositores ou influenciar o debate público".